

JOSÉ RILDO DA NOBREGA ALENCAR

A UTILIZAÇÃO DE PLANTAS NATIVAS DA
CAATINGA NA MEDICINA CASEIRA

PATOS
PARAÍBA-BRASIL
1992

JOSÉ RILDO DA NOBREGA ALENCAR

A UTILIZAÇÃO DE PLANTAS NATIVAS DA
CAATINGA NA MEDICINA CASEIRA

Monografia Apresentada à Universidade
Federal da Paraíba, como Parte das
Exigências do Curso de Engenharia
Florestal, para Obtenção do Título de
Engenheiro Florestal.

PATOS
PARAÍBA-BRASIL

1992

JOSÉ RILDO DA NOBREGA ALENCAR

A UTILIZAÇÃO DE PLANTAS NATIVAS DA
CAATINGA NA MEDICINA CASEIRA

Monografia Apresentada à Universidade
Federal da Paraíba, como Parte das
Exigências de Curso de Engenharia
Florestal, para Obtenção do Título de
Engenheiro Florestal.

APROVADA : 16/11/92

NOTA : 9,0

Prof. Ricardo Almeida Viegas
(EXAMINADOR)

Prof. Alana Candeia de Melo
(EXAMINADORA)

Prof. Elias de Melo V. Filho
(ORIENTADOR)



Biblioteca Setorial do CDSA. Maio de 2022.

Sumé - PB

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais

" Se um dia, já homem feito e realizado,
sentires que a terra cede aos teus pés,
que tuas obras desmorenam, que não há
ninguém à tua volta para te estender a
mão, esquece a tua maturidade, passa
pela tua mocidade, volta à tua infância
e balbucia entre lágrimas, as últimas
palavras que sempre te restarão:
Minha Mãe, Meu Pai ".

Rui Barbosa.

A Deus

Senhor, agradeço de todo coração,
por ter permitido chegar até aqui
e, se não for pedir muito,
gostaria de dar prosseguimento a
esta caminhada.

Aos meus professores

Eu não poderia jamais deixar de agradecer à contribuição de todos os professores, entretanto, existem aqueles aos quais nos apegamos e, por isso, merecem citação especial: Elias, Jivaldo, Ricardo, Silvestre, Olaf, Juarez, Izaque, Edmilson e Alana.

Aos colegas

Minha gratidão àqueles que foram os responsáveis diretos pela minha conclusão e, que através da paciência e do companheirismo, deram sua ajuda, elemento indispensável a qualquer que seja a conquista.

Aos " Raizeiros "

Quero aqui fazer meu reconhecimento
a estas pessoas, que há muito vêm
contribuindo com a saúde humana,
desempenhando o papel de verdadeiros
cientistas anônimos.

CONTEÚDO

	Página
RESUMO.....	i
1. INTRODUÇÃO.....	1
2. METODOLOGIA.....	2
3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	3
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	14
5. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES.....	18
6. BIBLIOGRAFIA.....	20
GLOSSÁRIO.....	21

RESUMO

O presente trabalho surgiu a partir da constatação de que, o Nordeste é, por natureza, um fitoterapeuta. Por outro lado, é preocupante a destruição que vem sofrendo a Caatinga. Daí a importância e a necessidade da realização de trabalhos que contribuam na transformação do atual uso dos recursos vegetais, sendo que, uma das alternativas é a utilização racional de nossas plantas na medicina caseira.

Como auxílio a este trabalho, foram realizadas entrevistas com pessoas que conhecem e/ou utilizam plantas medicinais. E, segundo as informações obtidas nestes contatos, incluindo entrevistados da zona rural e da zona urbana, 47% das plantas medicinais utilizadas na região de Patos são nativas, indicando que há ainda um consumo pequeno destas, o que mostra um certo desconhecimento do potencial fitoterapêutico de nessa flora.

É inegável o sucesso das plantas medicinais, no que se refere à eficácia, o motivo de não utilizá-las em massa é o interesse dos grandes laboratórios de medicamentos químicos.

1. INTRODUÇÃO

O nordestino é, por natureza, um fitoterapeuta, pois o que tem sido observado, é que quando adocece alguém aqui, há sempre um chazinho para remediá-lo.

Por outro lado, é bastante preocupante a destruição da qual está sendo vítima a nossa vegetação nativa (anexo), principalmente as plantas de porte arbóreo, as quais são exploradas pelas atividades agropecuárias, pela indústria madeireira, pela construção civil e ainda são exploradas para fins energéticos.

Há, portanto, a necessidade urgente de se encontrar uma saída para este problema, no sentido de preservar e/ou conservar a vegetação, através de uma utilização alternativa que substitua ou otimize o atual uso que vem dando aos nossos recursos vegetais, diminuindo a devastação e, ao mesmo tempo, garantir a permanência e a sobrevivência do homem no campo.

O objetivo deste trabalho é, justamente, propor alternativas vinculadas a utilização dos nossos recursos vegetais, como medicamentos naturais, pois sabe-se que a Caatinga, a exemplo dos demais ecossistemas brasileiros, apresenta um imenso potencial fitoterapêutico.

Como auxílio à realização deste trabalho, foram efetuadas entrevistas com pessoas que conhecem e/ou utilizam plantas medicinais.

2. METODOLOGIA

Para que se desenvolvesse o presente trabalho, procedeu-se às seguintes etapas: elaboração do plano de trabalho, definição do objetivo, consulta à literatura, realização de entrevistas, agrupamento dos dados e por fim a análise e discussão destes. A fase inicial do trabalho restringiu-se ao gabinete, onde se definiu as etapas futuras. Na pesquisa literária consultou-se livros da Biblioteca Central e livros de particulares, todos relacionados direta e indiretamente com o objetivo do trabalho, buscando ampliar o campo de conhecimentos.

As entrevistas foram feitas com pessoas que conhecem e/ou utilizam plantas medicinais e, foram realizadas segundo formulário padrão (anexo). A partir destas entrevistas, obteve-se informações que serviram como ponto de partida às espécies a serem consultadas junto à literatura.

Todo o trabalho foi desenvolvido no período compreendido entre os meses de junho e outubro do ano de 1992 e, teve como área de pesquisa, a região de Patos-PB, localizada na Microrregião da Depressão do Alto Piranhas.

3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Outrora existiam remédios para todos os fins. Para as pessoas magras, que desejavam engordar, os esculápios receitavam apenas isto: aranhas. E às que queriam evitar uma velhice precoce, selhes prescrevia caldo de víbora, o qual era preparado, com muita arte, pelo boticário parisiense Charras. Quem quisesse curar-se de doenças benignas, bastava somente fazer o seguinte: respirar a fumaça de um punhado de cabelos queimados, ruivos de preferência, e pertencentes a qualquer membro da família. E havia uma infinidade de pós de origem animal, que se vendiam em todas as farmácias, destinados aos mais variados achaques: pós de lobo, de tripas, de chifre de búfalo, de pulmão de raposa, etc. A fim de combater os males crônicos, empregava-se o "Orvietan", panacéia composta de cinquenta e uma drogas diferentes e onde figuravam as coisas mais estapafúrdias como, por exemplo, coração de veado, estômago de lebre, pêlos de bode, crânio humano, testículos de macaco, carne de serpente ou de coruja. Entretanto, onde a medicina jamais errou, é no que se diz respeito às virtudes terapêuticas de centenas plantas. Sabe-se que Hipócrates, o mais ilustre médico da antiguidade, só aconselhava medicamentos vegetais. Entre os nossos botânicos mais eminentes, como Lufgren, Peckelt, Caminhoá e Barbosa, existe unanimidade das insofismáveis qualidades medicinais das plantas do território brasileiro, MOREIRA (1978).

Portanto, desde que começaram a apreecer enfermidades, os homens, como é lógico, trataram de combatê-las como melhor sabiam. A natureza foi, sem dúvida, o primeiro remédio, a primeira farmácia, o primeiro hospital, a que o homem recorreu. E o primeiro ou um dos primeiros métodos de cura que se ofereceu foi o tratamento pelas plantas, BALBACH (1966).

As plantas têm a importante função de purificar o organismo, expelindo as toxinas, neutralizar a acidez do sangue, suprimir a falta de certos elementos nutritivos, estimular a ação de certos órgãos, normalizar o funcionamento de outros, etc, BALBACH (1966).

Não foi em vão que Deus proveu a natureza de tão rica e va-

liosa flora medicinal. Ao espalhar os seus socorros na natureza, previu cada uma das nossas necessidades, cada uma das nossas dores. Não há dor que não possa ser provida pelos meios que Deus pôs ao nosso alcance na natureza, BALBACH (1966).

Instintivamente o animal irracional toma precaução contra a doença e, quando doente, recorre às ervas curativas. O homem, como ente supremo, e dotado de inteligência, desde cedo notou este gesto instintivo dos animais e, orientado por observações próprias, verificou que nas ervas há poder curativo. Assim começaram as pesquisas, mediante experimentos, e se descobriu que tais e tais ervas são boas para tais e tais fins. Por aí se explica que todos os silvícolas sabem tratar-se com ervas, BALBACH (1966).

No reino das plantas há abundância de virtudes curativas, próprias para as necessidades do homem. Tão perfeita é a natureza, que provê de tudo que necessitamos. Pelas plantas, todas as doenças são curáveis, porém muitas curas ainda não foram descobertas. As plantas são muito mais adequadas ao corpo humano que os produtos químicos dos laboratórios, porque, ao passo que estes danificam, aqueles sanam, BALBACH (1966).

A ciência fitoterapêutica tem tido progresso, graças ao empenho de alguns pesquisadores. Antigamente se sabia que certas ervas serviam para certas doenças, mas não se sabia por que. Hoje se explicam os efeitos pelas causas, BALBACH (1966).

A saúde perfeita e a vida normal dependem de uma infinidade de substâncias, umas conhecidas e outras desconhecidas até agora, que o organismo deve receber pela alimentação, e que só pode receber dos vegetais crus. Quem come muita fruta, verdura e salada de ervas silvestres, não necessita ingerir doses especiais de vitaminas, sais, fortificantes, etc. Já tem tudo o que a ciência conhece como necessário e mais o que a ciência não conhece. Tem, outrossim todos os elementos necessários para uma rápida formação de anticorpos, em caso de um ataque microbiano. Além disso, pela ação purificante das plantas, tem sangue limpo e está, por consequência, imunizado contra as enfermidades que fustigam a geração atual, como o câncer, a tuberculose, etc. doenças estas que, por encontrarem no

organismo de sangue limpo, um ambiente desfavorável, não podem nele desenvolver-se, BALBACH (1966).

A botânica médica atravessou um longo período de crise. Esta crise não adveio do seu desuso, mas pelo desapareço, pela ignorância e pela conveniência de uma grande parte da classe médica. Bastaria lançar um olhar sobre os antigos livros de medicina para convencer-se do imenso arsenal de medicamentos, simples e eficazes que o reino vegetal fornecia aos nossos antepassados, MORGAN (1982).

Infelizmente, a medicina moderna suplantou o importante fator curativo das plantas, com produtos químicos. Prevaleceu, no mundo civilizado, a teoria: "veneno contra veneno", BALBACH (1966).

A CAATINGA

O nome caatinga significa "mata branca", devido ao fato desta ter grande luminosidade e de sua vegetação ser aberta, FONSECA (1982).

Distribui-se por todo o Nordeste, desde a Bahia até o Sul do Piauí. Seu clima é tropical. Exceto em março, abril e maio, que são meses de umidade, os demais são de seca. As chuvas são muito escassas, as temperaturas são altas, o solo é pobre e a vegetação não atinge grandes alturas. Para se proteger da transpiração excessiva, a maioria das plantas adquire espinhos, ou reduz a superfície do limbo ou sofre queda de folhas periodicamente, FONSECA (1982).

As espécies aí encontradas são: macambira, quixabeira, catingueira, oiticica, maniçoba, angico, juazeiro, etc, FONSECA (1982).

Essas plantas são suculentas, suas folhas são caducas e muitas vezes, transformadas em espinhos e sua cobertura é pouco densa. São muito bem adaptadas quanto ao balanço hídrico, conseguindo controlar a perda excessiva de água, FONSECA (1982).

DESCRIÇÃO E USO MEDICINAL DE 20
ESPÉCIES NATIVAS DA CAATINGA

1. Angico (Piptadenia macrocarpa, Benth.)

Árvore da família das Leguminosas Mimosóideas, de origem brasileira, de porte grande, atingindo até 26m de altura. Folhas miúdas, opostas, em forma de pequenas palmas; flores de cor branca, pequenas, arredondadas e ligeiramente cheirosas e frutos que são vagens pequenas, comprimidas, escuras, contendo sementes miúdas, CAVALCANTE (1988).

Uso medicinal: As cascas são indicadas nas afecções pulmonares, bronquites, faringites e asma. O chá ou cozimento da casca é muito indicado contra a diarreia e disenteria. A resina é emoliente, peitoral, empregada nas afecções catarrais, tosses, bronquites e asma, ativando e facilitando a expectoração. É muito usado sob a forma de xarope, CAVALCANTE (1988).

2. Aroeira (Astronium urundeuva, Engl.)

Árvore da família das Anacardiáceas, de tronco alto e lizo, às vezes com mais de 1m de diâmetro, encimada por larga copa, formada de ramos flácidos. Estes quando novos, são revestidos de pêlos. Folhas alternas, imparipenadas, com 5-7 pares de folíolos, ovado-obtusos, pubescentes em ambas as faces. Flores em panículas purpúreas, com pêlos brancos. Frutos drupáceos, pequenos, globoso-ovais, curtamente apiculados. Madeira de cerne roxo-escuro, com veios claros, dura, difícil de ser lavrada e usada na construção civil, esteios, dormentes, moendas de engenhos, vigamentos, postes, obras hidráulicas, quase imputrescível ao contato com o chão, BRAGA (1976).

Uso medicinal: As folhas são usadas para curar úlceras. A casca é usada contra diarreias e hemoptises. Aplica-se ainda contra o reumatismo, CAVALCANTE (1988).

3. Batata-de-purga (Convolvulus operculata, Gomes)

Planta da família das Convolvuláceas, de origem brasileira

medrando em vários estados. É uma trepadeira, herbácea, de caule de 4 ângulos; folhas um tanto pontiagudas, de consistência delicada, formato oval, grandes, de um verde carregado no lado superior e brancas na página inferior; as flores, amarelas, nascem isoladamente e o fruto é uma cápsula mais ou menos arredondada e um pouco achatada, contendo sementes negras e rígidas. A raiz é tuberosa e dela se extrai fécula e uma substância leitosa e resinosa, sendo conhecida nas farmácias por goma de batata, CRUZ (1982).

Uso medicinal: A raiz é purgativa, usando-se também em forma de cozimento. Emprega-se também como depurativo do sangue e na leucorréia, diarréia, disenteria, fraqueza geral, bem como na qualidade de preventivo da diarréia infantil que costuma verificar-se no período de dentição. Esta planta tem também a propriedade de regularização da menstruação, CRUZ (1982).

4. Carnaúba (Copernicia cerifera, Mart.)

Palmácea que vegeta nos terrenos arenosos. Flores monóicas, em grande número, pequeníssimas. A flor consta de 2 cálices: um exterior, verde, formado por 3 folíolos de pouca extensão, outro interior, de cor variável, em forma de corola, contendo um tubo curto, infundibuliforme, com 3 divisões na extremidade, e alternando com as do cálice exterior. O fruto desta palmeira é redondo e do tamanho de uma avelã, BALBACH (1966).

Da carnaúba, "árvore-providência", tudo se aproveita. Com suas folhas se cobrem casas, fazem cordas, sacos e chapéus e delas ainda se retira uma cera que tem numerosas aplicações. O caule fornece madeira para construções, BALBACH (1966).

Uso medicinal: A raiz é diurética. Usa-se para combater a hidropisia, reumatismo e a sífilis, BALBACH (1966).

5. Chanana (Turnera ulmifolia, Linn.)

Planta da família das Turneráceas, herbácea ou arbustiva, de folhas pubescentes e flores amarelas. Encontradas principalmente nos sítios arenosos e úmidos da costa e nas faldas das serras frescas, ALBUQUERQUE (1989).

Uso medicinal: As folhas contusas são usadas na extirpação de espinhos e outros corpos estranhos introduzidos na pele e tecidos subjacentes. O mesmo emplastro apressa a maturação dos tumores, BRAGA (1976). O chá das folhas ou raiz é adstringente, expectorante, usado contra urina solta, diabete, albuminúria e tônico nervoso, ALBUQUERQUE (1989).

6. Craibeira (Tabebuia caraiba, Bur.)

Árvore da família das Bigoniáceas, de grande porte. Folhas opostas, longo-pecioladas, 5-7, digitadas, de folíolos oblongos ou lanceolado-oblongos, coriáceos. Flores de lindo aspecto, grandes, aromáticas, amarelas, com estrias vermelho-escuras no lábio inferior, dispostas em panículas terminais. Cápsula lanceolada, de cor cinzento-ferrugínea, com sementes aladas. Madeira para carpintaria e vigamentos de casas, BRAGA (1976).

Uso medicinal: As cascas são peitorais, BRAGA (1976).

7. Cumaru (Torresea cearensis, Fr. All.)

Árvore da família das Leguminosas Papilionóideas, de porte regular, até 10m de altura, revestida por uma casca vermelho-pardacenta, suberosa, que se destaca em lâminas finas. Folhas alternas, com 7-12 folíolos ovados. As flores brancacentas, miúdas e muito aromáticas, formam lindos racemos axilares, multiflores, que cobrem inteiramente os galhos despídos de folhas por ocasião da floração. Vagem achatada quase preta, contendo uma semente alada, achatada e rugosa, preta de cheiro ativo e agradável. Madeira-castanho-clara, leve, porosa, elástica, fácil de empenar, porém estimada para móveis, BRAGA (1976).

Uso medicinal: Suas cascas e sementes são peitorais, antispasmódicas, emenagogas e usadas em dores reumáticas, BRAGA (1976).

8. Favela (Cnidosculus phyllacanthus, Pax e K. Hoffm.)

Árvore da família das Euphorbiáceas, de 3-5m de altura, irregularmente esgalhada, lactescente, profundamente armada de espinhos cáusticos. Folhas longas, grossas, lanceoladas, recortadas

com pequenos acúleos no limbo e espinhos nas nervuras. Flores alvas, em pequenos cachos axilares e terminais. Cápsula deiscente e provida de sementes, BRAGA (1976).

As picadas dos espinhos da favela provocam inflamações dolorosas, demoradas e, se atingem uma articulação, podem até aleijar a parte afetada, BRAGA (1976).

Uso medicinal: O látex seco é utilizado como mezinha balsâmica, BRAGA (1976).

9. Jatobá (Hymenae courbaril, Linn.)

Árvore da família das Leguminosas Caesalpinóideas, grande, copada. Folhas alternas, pecioladas, compostas de 2 folíolos ovais, lanceolados. Inflorescência panicular. Flores miúdas. O fruto é uma vagem de aproximadamente 24cm de comprimento, contendo 4 a 5 sementes. A polpa do fruto é seca, farinhosa, adocicada, enjoativa, porém comestível. A madeira é de cor vermelho-escura, dura, muito resistente. Usa-se para vigamentos, esteios, rodas e eixos de carros, BALBACH (1966).

Uso medicinal: Tônico, estomacal, adstringente, balsâmico, vermicífugo, a casca ainda se distingue pela sua apreciável ação hemostática. A seiva extraída por perfuração do tronco, tem as mesmas aplicações da casca, sendo de efeito mais brande, BRAGA(1976).

10. Juazeiro (Ziziphus joazeiro, Mart.)

Árvore das Ramnáceas, de porte mediano, alto, às vezes, de tronco reto ou tortuoso, armado de fortes espinhos, com ramos flexuosos, subdivididos, pubescentes ou não, que frequentemente se espalham a partir da base do caule. Folhas alternas, pecioladas, elípticas, coriáceas, verde-luzentes, serreadas na base, com 3 a 5 nervuras inferiormente pubescentes. Flores pequenas, amarelo-esverdeadas, reunidas em inflorescências cimosas. Drupa globosa, amarela, com um caroço grande, envolto em polpa mucilagínosa, branca e doce. É uma das plantas arbóreas típicas dos sertões nordestinos. Prefere os solos aluviais argilosos, mas, cresce por toda parte, BRAGA (1976).

Uso medicinal: A infusão das folhas é estomacal. A raspa da entrecasca, rica em saponina, é dentríficio e, em maceração ou infuso é excelente tônico capilar, BRAGA (1976).

O juazeiro é usado nas febres intermitentes, BALBACH(1976).

11. Jucá (Caesalpinia ferrea, Mart.)

Árvore das Leguminosas Caesalpinóideas, pequena, raramente mediana, da casca acinzentada, lisa e fina, que se renova anualmente. Folhas bipinadas, com 2-3 e até 4 pinas, providas cada uma de 4-6 pares de folíolos pequenos, glabros, oblongos, verdes, quebradiços, com os pecíolos do lado inferior dos folíolos, pubescentes. Flores amarelas, pequenas, dispostas em panículas pubescentes e terminais. Vagem bruno-amarelada, pequena, achatada, encurvada. Sementes escuras e duríssimas. Madeira de cerne duro, com fibras revessas, vermelho-escura, quase preta, maculada de manchas amareladas, difícil de ser desdobrada, porém um tanto elástica. Com ela os índios faziam os seus tacapes, BRAGA (1976).

Uso medicinal: A entrecasca, posta em infusão, serve para toda qualidade de contusão e ferida, bem como para combater a tosse crônica e a asma, BRAGA (1976).

12. Mamona (Ricinus comunis, L.)

Arbusto da família das Euphorbiáceas, de grandes folhas expandidas. Na parte inferior do ramallete floral nascem as flores masculinas e na parte superior, as femininas. O fruto é globoso, com 3 sementes, nas quais há grandes reservas oleaginosas, que proporcionam o óleo de ricino, MORGAN (1982).

Uso medicinal: Purgante enérgico e eficaz, porém que nem todas as pessoas toleram, pois seu sabor provoca náuseas e regurgita com facilidade, MORGAN (1982).

13. Melão-de-São Caetano (Manordica charantia, Linn.)

Cipó herbáceo, da família das Cucurbitáceas, muito comum em terrenos abandonados. Cheiro desagradável. Folhas palmificadas com 5 lóbulos sinuados-denteados. Flores amarelo-pálidas ou brancas.

em cachos ou corimbos. O fruto abre-se em 3 válvulas espinhosas, cor-de-ouro e sementes cobertas de arilo vermelho, que se come. As folhas clareiam roupas e tiram nódoas, CAVALCANTE (1988).

Uso medicinal: As folhas e os frutos são vermífugos e úteis na cura do gogo das aves domésticas. O fruto macerado combate diabetes. A compressa das folhas é usada para a coluna e o fruto maduro é usado contra hemorróidas, CAVALCANTE (1988).

14. Meroró (Bauhinia ferficata, Link.)

Arbusto alto ou árvore pequena, da família das Leguminosas Caesalpinóideas. Folhas resumidamente bilobadas, pecioladas, glabras em cima e algo pubescente por baixo, com 9 nervuras salientes. Flores em cachos, branco-cremes. Vagem chata, comprida, escura, contendo muitas sementes, tomentosa quando nova e glabra quando adulta. Madeira para estacas e lenha, BRAGA (1976).

Uso medicinal: Casca adstringente e peitoral, BRAGA (1976). As cascas são indicadas, o chá, para hipertensão e diabetes. Já o decocto destas é usado para combater a elefantíase. A semente é usada para combater a catarata, CAVALCANTE (1988).

15. Muçambê (Cleome spinosa, L.)

Subarbusto, da família das Capparidáceas. Planta aculeada, levemente pilosa; folhas alternas, longe-pecioladas, palmati-partidas, de 5-7 folíolos lanceolados; inflorescência terminal de flores róseo-esbranquiçadas, longe-pedunculadas, com ginóforo. Comum na América Tropical, ALBUQUERQUE (1989).

Uso medicinal: O chá das folhas ou flores é tônico digestivo. O chá da raiz é usado contra tosse, asma e bronquite. O sumo das folhas serve para otites supuradas e lavagens de feridas ALBUQUERQUE (1989).

16. Mulungu (Erythrina velutina, Willd.)

Árvore mediana, da família das Leguminosas Papilionóideas. Folhas compostas. Folíolos de pedunculos longos e pubescentes. Flores vermelhas, com o cálice truncado e, com o estandarte grande e

recurvo. Sementes arredondadas, lisas, vermelho-escuras, com manchas pretas e hile quase branco, BALBACH (1966).

Uso medicinal: O extrato da casca usa-se em banhos para acalmar a excitação do sistema nervoso e também para combater as insônias. Internamente usa-se o cozimento da casca nas bronquites asmáticas e nas inflamações do fígado e do baço, depois de febres intermitentes, BALBACH (1966).

17. Pau d'arco (Tabebuia avellanedae, Lor.)

Árvore da família das Bignoniáceas, de porte desenvolvido. Folhas opostas, digitadas, grandes, com 5 folíolos oblongos, de margens inteiras, pubescentes. Flores irregulares, campanuladas e roxas em panículas. Cápsula comprida. Madeira muito elástica. Largamente distribuído pela América Tropical, BRAGA (1976).

Uso medicinal: É indicado contra o câncer, leucemia, anemia, úlceras, gastrite, diabete, artrose, reumatismo, pólipos, doenças dos órgãos femininos, cistrite, prostatite, lepra, tuberculose, feridas e controla hemofilia, CAVALCANTE (1988).

18. Quebra-pedra (Phyllanthus niruri, L.)

Planta herbácea, da família das Euphorbiáceas, anual, ereta, esverdeada; râmulo peniformes de folhas alternas, ovaladas, glabras; flores solitárias, esverdeadas, nos axilares dos foliolos. Comum na América Tropical, ALBUQUERQUE (1989).

Uso medicinal: O chá de toda a planta é diurético e antinfecioso das vias urinárias, ALBUQUERQUE (1989).

19. Quixabeira (Bumelia sertorum, Mart.)

Árvore de 10-15m de altura, da família das Sapotáceas, armada de fortes espinhos, tendo a ponta dos galhos pendentes e espinhosos. Folhas alternas, inteiras, simples, coriáceas. Flores perfumadas, pequenas. Baga de coloração roxo-escuro, quase negra, ao amadurecer, adocicada, com uma semente. Frutos comestíveis. Folha e fruto forraginosos. Madeira para construção civil e marcenaria, BRAGA (1976).

Uso medicinal: As cascas são adstringentes, tônicas e antidiabéticas, BRAGA (1976).

20. Velame (Croton campestris, St. Hil.)

Arbusto de 1-2m de altura, da família das Euphorbiáceas, ramificado no alto. Folhas alternas, elípticas, quase sésseis, tomentosas. Flores em espigas na extremidade dos ramos, brancas, aromáticas, tomentosas. Fruto capsular, pequeníssimo, BRAGA (1976).

Uso medicinal: As folhas e raízes são empregadas, com sucesso, nas afecções venéreas, catarros da bexiga, escrofulose, impingens, elefantíase, reumatismo, sífilis e úlceras, BALBACH (1966).

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

RESULTADOS

Para a obtenção de informações, necessárias ao desenvolvimento do presente trabalho, entrevistou-se 16 pessoas da região de Patos, que conhecem e/ou utilizam plantas medicinais. A partir destas entrevistas, obteve-se o preenchimento de 60 formulários, cujas informações são de muita utilidade a este trabalho, permitindo chegar aos seguintes resultados:

- O levantamento totalizou 47 espécies diferentes, sendo que, destas espécies notificadas, 47% são nativas e 53% são exóticas cultivadas na região de Patos.

- Do total de espécies nativas citadas, apenas 27% são herbáceas, cabendo 73% às espécies arbóreas ou arbustivas.

RELAÇÃO DAS ESPÉCIES NATIVAS CITADAS PELOS ENTREVISTADOS COM SUAS DEVIDAS APLICAÇÕES

Angico:

Use medicinal: Tosses, gripes, inflamações da garganta.

Partes usadas: Cascas.

Aroeira:

Use medicinal: Disenteria, inflamação da garganta, cicatrizante.

Partes usadas: Raspa da casca.

Braúna:

Use medicinal: Febres provocadas pela gripe.

Partes usadas: Folhas.

Cabacinha:

Use medicinal: Gripes de animais.

Partes usadas: O fruto.

Cabeça-de-negro:

Use medicinal: Doenças de pele.

Partes usadas: Goma do fruto.

Catingueira:

Use medicinal: Dor de barriga, gripes e febres de gripes.

Partes usadas: Casca, entrecasca, flores e folhas

Chanana:

Use medicinal: Tosses, tumores e inflamações do útero.

Partes usadas: Raízes, folhas e flores.

Cumaru:

Use medicinal: Bico-de-papagaio, coluna.

Partes usadas: Casca da árvore.

Favela:

Use medicinal: Inflamações e umbigueiras.

Partes usadas: Entrecasca.

Fedegoso:

Use medicinal: Gripes, acelera crias de vacas.

Partes usadas: Raízes.

Jaramataia:

Use medicinal: Inflamações dos rins.

Partes usadas: Folhas novas.

Juazeiro:

Use medicinal: Combate a caspa, dor de dente, dor de cabeça e gripes.

Partes usadas: Raspa da casca.

Juca:

Use medicinal: Pancadas e febres provocadas por gripes.

Partes usadas: Cascas e folhas.

Jurema:

Use medicinal: Ferimentos, inflamações, umbigueiras, dor de dente.

Partes usadas: Pó da casca, casca.

Marmeleiro:

Use medicinal: Disenterias, cólicas.

Partes usadas: Raspa da casca.

Mofumbo:

Use medicinal: Rouquices, estanca sangue.

Partes usadas: Raspa da casca.

Mororó:

Use medicinal: Colesterol, inflamações dos rins.

Partes usadas: Folhas e a raspa da casca.

Muçambê:

Uso medicinal: Bronquites, asma e pneumonias.

Partes usadas: Raízes e flores.

Oiticica:

Uso medicinal: Hemorróidas, pressão alta e varizes.

Partes usadas: Folhas.

Quixabeira:

Uso medicinal: Pancadas, calcitrante.

Partes usadas: Cascas.

Sete sangrias:

Uso medicinal: Inflamações dos rins.

Partes usadas: Toda a planta.

Velame:

Uso medicinal: Impingens.

Partes usadas: O leite do caule.

DISCUSSÕES

De acordo com os resultados obtidos, a partir das entrevistas realizadas e, analisando a literatura, considera-se que:

- Ainda há um grande consumo de plantas medicinais exóticas, o que demonstra um certo desconhecimento do potencial fitoterapêutico da caatinga, por parte dos entrevistados, principalmente os da zona urbana.

- Um fator importante na utilização das plantas medicinais, é a facilidade em adquiri-las, pois foi verificado que a maioria dos entrevistados, colocou como vantagens de utilizar plantas medicinais, a sua fácil aquisição.

- Pelo que se observa nos resultados, pode-se afirmar que a Caatinga apresenta um grande potencial fitoterapêutico, constatado pela grande diversidade de curas oferecido pelas nossas plantas nativas.

- Um outro fator positivo da utilização de plantas medicinais, é o fato das mesmas não terem contra-indicação, desde que utilizadas em doses adequadas.

- Um dos problemas da utilização de plantas medicinais...

os nomes vulgares, pois existem inúmeras plantas de mesmo nome vulgar, mas com efeitos totalmente diferentes, inclusive existe confusão até mesmo entre os autores de livros sobre plantas medicinais.

- Com o advento do progresso, as pessoas estão deixando um pouco de lado as plantas medicinais e, recorrendo aos medicamentos químicos, o que pode por fim a uma tradição de séculos.

- Existe uma grande escassez de material bibliográfico sobre as propriedades medicinais, das plantas da Caatinga.

- Os produtos medicinais comercializados nas feiras públicas são de baixa qualidade, pois os mesmos não têm nenhum controle fitossanitário e também não existe seleção de material.

5. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

CONCLUSÕES

A partir de conversas com conhecedores de plantas medicinais, com vendedores de produtos fitoterapêuticos, depois de visitar algumas barracas de venda destes produtos e depois de analisar as informações levantadas no presente trabalho, pode-se concluir o seguinte:

- A utilização de plantas medicinais é uma das únicas alternativas de cura, para as doenças do pobre homem do campo.

- É necessário que se faça uma conscientização junto aos vendedores de produtos medicinais.

- É inegável o sucesso das plantas medicinais, no que se refere à sua eficácia, o porquê de sua não utilização em massa, é a falta de divulgação pela mídia, já que o sucesso das plantas medicinais, põe em risco o interesse dos grandes laboratórios.

- Faz-se necessário a realização de pesquisas que estudem as espécies utilizadas popularmente e, assim, possam comprovar as suas propriedades medicinais e, com isso, melhor orientar a utilização.

RECOMENDAÇÕES

Para que este trabalho seja posto em prática e mesmo complementado, recomendamos o seguinte:

- Realizar estudos botânicos juntamente com estudos laboratoriais, com a finalidade de apoiar o conhecimento popular das propriedades medicinais de algumas plantas da Caatinga.

- Organizar em Cooperativas, as pessoas que comercializarem produtos fitoterapêuticos, para assim ter a certeza de produtos de boa qualidade, como também melhor comercializá-los.

ALBUQUERQUE (1989), recomenda os seguintes cuidados, quando se desejar preparar remédios à base de plantas medicinais:

+ Sempre que se usar qualquer vegetal, procurar certificar-se de pessoas competentes, se o material é verdadeiro para o remédio, pois outro material pode trazer consequências desagradáveis.

- Procurar sempre lavar muito bem o material, principalmente, quando se tratar de folhas, flores ou frutos, que podem ter sofrido ação de agrotóxicos ou ainda conter sujeiras.

- Nunca exagerar nas dosagens, pois muitos remédios tornam-se tóxicos, pelo uso excessivo do material.

- Para ferver qualquer material, não usar nunca vasilha de metal, mas somente vasilha de porcelana, esmalte, barro ou vidro, pois o metal modifica o produto final.

BIBLIOGRAFIA

6. BIBLIOGRAFIA

1. ALBUQUERQUE, José Maria de. Plantas medicinais de uso popular. Brasília: ABEAS/MEC, 1989. 96p. il. Bibliografia p. 95-96.
2. BALBACH, A. As plantas curam. 2led. São Paulo: Missionária, 1966. 472p.
3. BRAGA, Renato. Plantas do Nordeste especialmente do Ceará. 3ed. Fortaleza: Mossoroense, 1976. 540 p. Bibliografia p.487-498.
4. CAVALCANTE, Ciro Monteiro. Plantas medicinais. Recife: EMATER, 1988. 87p. Bibliografia p. 87-88. Glossário p. 85-86.
5. CRUZ, G. L. Dicionário das plantas úteis do Brasil. 2ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982. 604p.
6. FONSECA, Albino. Biologia. 22ed. São Paulo: Ática, 1982. 415p. il. Bibliografia p. 414-415.
7. MOREIRA, Frederico. As plantas que curam. São Paulo: Hemus, 1978. 252p. il.
8. MORGAN, René. Enciclopédia das ervas e plantas medicinais. São Paulo: Hemus, 1982. 555p. il.

GLOSSÁRIO

GLOSSÁRIO

Adstrigente: Que contrai os tecidos.

Albiminúria: Existência de albumina na urina.

Antisséptico: Que desinfeta.

Artrite: Inflamação na articulação.

Carminativo: Que combate as flatulências (gases) estomacais ou intestinais.

Cistite: Inflamação da bexiga urinária.

Depurativo: Que purifica o sangue.

Diurético: Que aumenta a urinação.

Emenagoga: Que provoca ou restabelece a menstruação.

Emoliente: Que tem a propriedade de amortecer os tecidos e aliviar internamente, as dores.

Estomacal: Que combate os mal-estares do estômago.

Faldas: Sopés.

Febrífugo: Que combate as febres.

Hemostático: Que combate as hemorróidas.

Hidropisia: Derramamento de líquido orgânico ou de serosidade num tecido celular ou em uma cavidade do organismo.

Peitoral: Que exerce função sobre as vias respiratórias.

Purgativo: Que provoca ou acelera as evacuações.

Sudorífico: Que provoca transpiração.

Vermífugo: Que combate as lombrigas.

ANEXOS

ANEXO 1: FICHA INDIVIDUAL PARA PLANTAS DE USO MEDICINAL.

1. Planta usada:.....;
2. Caracteres:
 - a) Porte:.....
 - b) Raízes:.....
 - c) Caule:.....
 - d) Folhas:.....
 - e) Flores:.....
 - f) Frutos:.....
 - g) Sementes:.....
3. Para que serve:.....
.....
.....
4. Partes usadas:.....
5. Preparo:.....
.....
.....
6. Dosagem:.....
7. Vantagens das plantas medicinais:.....
.....
8. Desvantagens:.....
.....
9. Ocorrência (nativa ou exótica):.....
10. Frequência:.....
11. Outras observações:.....
.....
.....
.....
12. Nome do informante:.....
13. Local:.....
14. Data:....../....../....

ANEXO 2: AÇÃO ANTRÓPICA SOBRE A COBERTURA VEGETAL DOS ESTADOS NORDESTINOS.

DISCRIMINAÇÃO		ÁREA TOTAL	ÁREA ANTROPIZADA		VEGETAÇÃO REMANESCENTE	
		(km ²)	(km ²)	%	(km ²)	%
Nordeste	-1984	1.548.672	545.754	34	1.002.915	66
	-1990	1.548.672	820.707	53	727.965	47
Al.		27.731	22.462	81	5.269	19
Ba.		561.026	294.370	52	266.656	48
Ce.		148.016	124.333	84	23.683	16
Ma.		328.663	136.460	42	192.203	58
Pb.		56.372	37.769	67	18.603	33
Pé.		98.281	51.106	52	47.175	48
Pi.		250.934	109.116	43	141.818	57
Rn.		53.015	30.059	57	22.956	43
Se.		21.994	13.636	62	8.358	38
Litírgio Pi/Ce		2.640	1.396	53	1.244	47

Fonte: Relatório do Brasil para a Conferência das Nações Unidas , realizada no Rio de Janeiro, no ano de 1992.